

RESSENTIMENTO E A INVERSÃO DOS VALORES NA *GENEALOGIA DA MORAL* DE NIETZSCHE

José Carlos S. Rocha Costa *

RESUMO: Este artigo pretende discutir o conceito de ressentimento e a inversão de valores, na obra *Genealogia da moral* de Nietzsche. Analisaremos como o homem ressentido não consegue transmutar as impressões do passado em mais potência, levando-o a investir nos impulsos de conservação da sua existência. Discutiremos o primeiro aspecto do ressentimento como memória das marcas, cuja as forças ativas que permitem a renovação da consciência estão interiorizadas no homem reativo. Posteriormente, trataremos do espírito de vingança, como um modo doente de existir, onde o homem que interioriza seus instintos criadores, toma como meio de vida, a vingança contra os saudáveis. O objeto da acusação da moral do ressentimento será o homem nobre, fisiologicamente bem constituído, aquele que afirma seus instintos e cria seus próprios valores. Analisaremos como acontece a inversão dos valores, bem como a razão da acusação, por parte do ressentido, de que a moral do homem nobre se configura como má.

PALAVRAS-CHAVE: Moral. Ressentimento. Culpa. Inversão dos Valores. Nietzsche.

1. INTRODUÇÃO

O que Nietzsche caracteriza de moral escrava está relacionado com os sentimentos de culpa e ressentimento promovidos e reforçados pela moral judaico-cristã. A moral escrava, segundo autor da *Genealogia*, tem início com a ascensão da moral sacerdotal, que promovendo valores de acusação contra a vida, impede o

* Aluno do curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: carlos23412010@hotmail.com.



homem de expandir sua vontade de potência, e contribui para a interiorização dos instintos ativos e criadores. O homem que é submetido a esses valores morais promulgados pelo sacerdote, se torna reativo, pois intensificam os impulsos de conservação na existência, ou seja, impulsos que nega à vida como conflito e superação de conflitos, e toma a passividade como meio de conservar sua existência biológica. Em consequência de estar submetido a uma moral que demoniza os instintos, a sensualidade, o corpo, o homem reativo se vê cada vez mais distanciado de sua natureza, ou seja, de uma maneira expansiva e criadora de existir.

Segundo Nietzsche, a ferramenta de poder sacerdotal, que é a moral, conduz o sujeito contra a sua própria natureza, reforçando o sentimento de culpa e servindo como obstáculo para a vontade, esta última, sendo essencialmente criadora, desejosa de expansão e domínio, não cessa de querer mais intensidade, mais vida e potência. Em virtude da negação do corpo e dos instintos, fisiologicamente, esse homem se encontra malgrado, pois seus impulsos ativos se encontram interiorizados e se voltam contra o próprio sujeito, promovendo assim, a causa de sua má consciência e sendo sinônimo de ressentimento.

Discutiremos por fim a inversão dos valores diagnosticada por Nietzsche na primeira dissertação da *Genealogia da moral*. Analisaremos como os nobres e potentes, que desfrutavam de saúde forte, transbordante e florescente em força e alegria, que em seu modo de valorar toma como exemplo a si mesmo como modelo de referência e força, foi por fim, transfigurado pelo modo de valorar sacerdotal.

Analisaremos como à astúcia do sacerdote judaico cristão inverte os valores, acusando os nobres de serem “os maus”, e transfigurando os valores destes. A autoconfiança tornou-se arrogância, a coragem em prepotência, a força em crueldade, a prosperidade em vaidade, o cuidado de si em egoísmo. E “os bons”, a saber, passam a ser os impotentes e submissos. Segundo os valores promulgados



pelo sacerdote judaico-cristão, somente os humilhados são os bons, os indefesos, os humildes e os pobres de espírito, somente eles, são bem-aventurados. Segundo Nietzsche, o homem submetido a esses valores, se torna reativo e impotente, por desconhecer sua própria natureza, encontra na acusação e no ressentimento uma forma de existência, porém distanciada de uma vida potente e criadora.

2. ESQUECIMENTO, UMA FORÇA ATIVA

Nietzsche compreende o corpo como um campo de forças, onde existe encontros de forças e pulsões que se chocam e se expandem o tempo todo. Essas forças se configuram como *vontade de potência* que “[...] não é busca de um atributo ou de um estado exterior a si, mas processo de intensificação do poder que se é” (WOTLING, 2011, p. 62). Esse entrelaçamento de forças produzem, por *acaso*, impressões na nossa consciência, impressões auditivas, visuais e táteis.

Segundo Nietzsche, na *assimilação psíquica* saudável, a consciência experimenta essas impressões produzidas por essas forças, e as canaliza para o estado de digestão no inconsciente, ou seja, a força ativa, nomeada de *esquecimento*, permite que uma impressão não fique alojada e fixa na nossa consciência, ou seja, na superfície. Na *Genealogia da moral* Nietzsche afirma:

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar de “assimilação psíquica”) (NIETZSCHE, 1998, p. 47).



O esquecimento, caracterizado como força ativa, renova a consciência. Esta força ativa permite que aquilo que aconteceu com o sujeito não se aloje e permaneça na sua consciência, possibilita a consciência, abrir-se ao novo, para novas criações, como uma consciência plástica, “[...] eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento” (NIETZSCHE, 1998, p. 31). Assim como uma impressão que chega à consciência, o esquecimento permite que essa impressão vá para o estado de digestão no inconsciente e permaneça por lá. É importante salientar que esquecer para Nietzsche não é apagar uma memória, mas sim, transmutá-la em uma espécie de fonte de alimento, para o sujeito se tornar mais afirmador.

Sem essa força ativa saudável, não poderíamos transmutar o que nos aconteceu em mais potência, desta forma, ela funciona como zeladora da ordem psíquica, e “[...] logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento” (NIETZSCHE, 1998, p. 47-48). No entanto, no homem em que predominam as forças reativas, naquele em que essa força ativa do esquecimento não funciona, Nietzsche o caracteriza como dispéptico¹, ou seja, aquele que não consegue dar conta de nada, por que não consegue digerir a marca da impressão, não consegue transmutar o acaso, bem como aquilo que lhe ocorre, em mais potência. Este homem impotente, no lugar do esquecimento, desenvolve uma memória como arte, como uma técnica auxiliar capaz de suplantar o esquecimento:

Precisamente esse animal que necessita esquecer, no qual o esquecimento é uma força, uma forma de saúde *forte*, desenvolveu em si uma faculdade oposta, uma memória, com cujo auxílio o esquecimento é suspenso em determinados casos – nos casos em que se deve prometer: não sendo um simples não-mais-poder-livrar-se da impressão uma vez recebida, não a simples indigestão da palavra uma vez empenhada, da qual não conseguimos dar conta, mas sim um ativo não-mais-querer-livrar-se (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

¹ Relativo a dispepsia, digestão penosa ou com perturbações.



O homem que não consegue digerir aquilo que lhe acontece, ele resente várias vezes a marca da impressão. Fisiologicamente ele é dominado pelas forças reativas do corpo, pois a força ativa do esquecimento, que possibilita a abertura para o novo, não funcionam corretamente. É por causa desta má digestão das impressões que lhes chegam, ou funcionamento dispéptico da consciência, que o sujeito sente dor e sofrimento constante, como um doente do estômago que não consegue digerir o alimento, o homem do ressentimento não consegue digerir as impressões da consciência e por isso ele sofre. Diante da dor, o homem reativo utiliza-se da memória – essa faculdade reativa, segundo Nietzsche – para ressentir várias vezes a mesma impressão, tornando assim, sua vontade de criar bloqueada.

O problema para o ressentido é que o passado não pode mais ser mudado, segundo Nietzsche, a vontade não pode andar para trás, desta forma, o ressentido se assemelha a um navio cuja ancora foi lançada em um mar de lembranças dolorosas no passado. O homem do ressentimento se concebe preso de tal forma ao passado que passa a desconhecer o aspecto primordial da existência: ele esquece que viver é criar. Ao contrário, passa a conceber a vida como um fardo e o existir como um castigo do viver. Aquilo que lhe causou sofrimento é ressentido várias vezes, desta forma, o sujeito pode passar toda sua existência com a marca daquilo que lhe aconteceu, ou seja, ressentindo as memórias do passado.

3. MEMÓRIA DAS MARCAS, CAUSA DO RESENTIMENTO

O ressentimento para Nietzsche, em seu primeiro aspecto se configura como memória das marcas, ou seja, o homem fisiologicamente obstruído, não dispõe da força ativa do esquecimento, e é por isso que ele resente inúmeras vezes o que lhe acontece. Esse ressentimento o impede de criar, “o assim foi”, lhe marca



profundamente, o passado é seu algoz cruel. Desta forma, a vontade de potência que quer se expandir, a vida que quer se intensificar, é entrevada pelo ressentimento.

De biológica e naturalmente criadora, a vontade passa a ser causa de dores. No discurso *Da redenção do Assim falou Zaratustra*, Nietzsche diz: "Foi': Assim se chama o ranger de dentes e solitária aflição da vontade. Impotente quanto ao que foi feito – ela é uma irritada espectadora de tudo que passou" (NIETZSCHE, 2011, p. 133).

O homem que não consegue transmutar "O assim foi" – em "Assim eu quis!" e afirmar o acaso, ele sofre por não conseguir redimir o passado, sua vontade não consegue criar e se expandir. Nele, o passado se torna um fardo, pois suas marcas não desceram para o processo de digestão no inconsciente. Resultado: ele não consegue esquecer. O acaso, ou seja, a definição do que lhe aconteceu, não tornou-se seu amigo. O passado deixou de ser uma referência para torná-lo mais forte, mais afirmador, pois ele não consegue transmutá-lo em seu alimento.

No *Crepúsculo dos ídolos* Nietzsche apresenta esta ideia de *transmutar*, assim como os alquimistas pretendiam transmutar uma substância menos nobre em ouro, Nietzsche enseja transmutar o que aconteceu ao sujeito, (o passado) em mais potência (no presente). Ele sintetiza esta ideia claramente em uma máxima: "[...]. Da escola de guerra da vida – o que não me mata me fortalece" (NIETZSCHE, 2006 p. 10). Ou seja, aquilo que lhe aconteceu de ruim, no sentido extra moral, no homem bem constituído fisiologicamente, vai para o processo de digestão no inconsciente, servindo de alimento para que ele se torne mais forte, expanda mais a vida, através do viver.

Desta forma o homem nobre, para Nietzsche, é aquele que é fisiologicamente saudável, que supera barreiras, supera a si mesmo a todo momento e não acusa a vida de ser imperfeita. Mesmo quando este homem nobre experimenta uma impressão que lhe causa dor e sofrimento, transmuta isso em mais potência, pois o



esquecimento lhe proporciona isso. “Mesmo o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não *envenena*” (NIETZSCHE, 1998, p. 31).

O mecanismo ativo do esquecimento permite que a vontade se liberte para poder criar, por este motivo o homem nobre é uma esperança para o futuro, mesmo quando ele se ressentido de algo, pois o nobre não deixa de ressentir, a diferença está na forma como ele ressentido: sua reação ao que aconteceu é imediata, ele sacode de si os vermes que no homem do ressentimento ficariam profundamente enraizados.

Diferente do nobre, no homem do ressentimento, a reação não é imediata, porque ele, no lugar do esquecimento, alimenta a memória, como afirma Gilles Deleuze: “[...] o que caracteriza o homem do ressentimento é a invasão da consciência pelos traços mnêmicos, a subida da memória para dentro da própria consciência” (DELEUZE, 1976, p. 95). A partir das memórias das marcas, Nietzsche vai desenvolver o segundo aspecto do ressentimento, o espírito de vingança.

4. RESSENTIMENTO COMO ESPÍRITO DE VINGANÇA

A dispepsia do homem reativo, se torna crônica e visível na sua incapacidade de dar conta das impressões recebidas pela consciência, cujo resultado é o estabelecimento de uma relação ressentida com o passado. É a relação com o passado que é danosa, a relação reativa que o homem do ressentimento estabelece, ou seja, o desenvolvimento de um espírito de vingança. O homem impotente e reativo sente a necessidade de culpar alguém pela sua incapacidade de digerir as marcas do passado. Ele sofre e sente a necessidade de apontar a causa de seu sofrimento: “[...] o que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido” (NIETZSCHE, 1998, p. 58).



O homem ressentido, para se conservar na existência, acusa um de fora, um outro, ao invés de voltar-se para si mesmo para conhecer sua própria fisiologia, e alegrar-se com sua própria potência, pois segundo Nietzsche a vida em todo ser, anseia por se expandir, superar obstáculos, fortalecendo-se através de conflitos e na afirmação do acaso.

Mas a acusação do ressentido visa encontrar um alvo e, de um só golpe, obter uma vingança. Essa vingança Nietzsche chama de *vingança imaginária*, pois essa vingança só existe na imaginação daquele que sofre, afinal, mesmo ele acusando, seu sofrimento não cessará.

O equívoco não está fora, mas sim na sua maneira de reagir àquilo que lhe acontece: ao ressentir do passado, transformando o esquecimento em memória, sua existência se constituiu como uma doença. Viver é para ele passar o tempo investindo nos impulsos que conservam sua existência, como único meio de reparação que ele encontra, como acusador. Sua obra, diferentemente da criação nobre, não passa de uma rebelião, de uma negação de tudo o que foi criado, como escreve Nietzsche:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um "fora" um "outro" um "não-eu" – e *este* Não é seu ato criador (NIETZSCHE, 1998, p. 28-29).

O homem ressentido imagina que acusando e se vingando de um de fora, isso acabará com o seu sofrimento, mas isso não acontece. Ao contrário, sua vingança, criará, segundo Nietzsche, os mais terríveis inimigos porque são os mais impotentes. Nietzsche se refere a figura do sacerdote asceta, que representa o mestre do ódio da



história. Mas na acusação sua saúde não retorna, porque a causa de seu sofrimento está relacionada com sua fisiologia, ou seja, com o seu corpo.

A partir da crença da demonização dos seus instintos, introduzida pelo sacerdote, o homem reativo interioriza seus impulsos ativos, transmutando-os em sofrimento, pois sua vontade de potência não consegue se expandir e seus instintos estão aprisionados: “[...] todos os instintos que não se descarregam para fora *voltam-se para dentro* – isto é o que chamo de *interiorização do homem*” (NIETZSCHE, 1998, p. 73).

Todos seus instintos ativos de animal rapinante; a sede de domínio, o prazer na destruição, a crueldade perante o inimigo, a hostilidade, o assenhorar-se do poder, se voltam contra o próprio sujeito, revelando a sua natureza, pois a tentativa de domesticar o animal homem, é destruí-lo.

Esse homem que, por falta de inimigos e resistências exteriores, cerrado numa opressiva estreiteza e regularidades de costumes, impacientemente lacerou, perseguiu, correu, espicou, maltratou a si mesmo, esse animal que querem “amansar”, que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente. [...] esse tolo, esse prisioneiro presa da ânsia e do desespero tornou-se o inventor da “má consciência” (NIETZSCHE, 1998. p. 73).

Esse homem que não consegue descarregar para fora seus impulsos violentos, como bem escreveu Nietzsche, acaba por se ferir dentro de sua própria jaula. A partir da criação do Estado e a regularidade de costumes e valores tomados como “bons”, os homens se tornaram animais domésticos, cada vez mais mansos por falta de resistências exteriores.

A Grécia arcaica foi uma civilização inigualável em beleza e amor à vida, por conta desses gregos artistas que conseguiram exteriorizar seus instintos violentos a partir da sublimação. Esta vontade voraz, foi sublimada através da competitividade



dos jogos olímpicos, dos festivais de teatro e das tragédias gregas, da poesia e da música, ou seja, esses instintos foram destilados em uma criação

A exemplo dos gregos da época de Homero, os instintos eram afirmados, sendo sinônimos de força e nobreza. Sem ressentimento a natureza era vista como divina perante os gregos. Os instintos violentos personificados por Homero no guerreiro Aquiles, define para Nietzsche, o que era a moral nobre na antiguidade, onde o (bom) era o forte, nobre, poderoso, belo, feliz, portanto, caro aos deuses.

Na poesia clássica de Homero, os instintos de animal rapinante, de predador, a posição do homem forte, são exaltados como as mais valorosas virtudes. No canto XX da *Iliada*, uma cena entre Aquiles e um de seus inimigos na guerra de Tróia, mostra como esses instintos eram transpostos para o exterior. Na narrativa, o inimigo de Aquiles de joelhos pede clemência para que o herói lhe poupe a vida, no entanto, sem clemência, o guerreiro transpassa-lhe a espada com fúria sem hesitar.

Abraça-lhe os joelhos, rogando pela vida, o Alastóride Trós: "Que o poupasse, que o fizesse cativo e o mantivesse vivo, tinham a mesma idade!" Tonto! Não sabia que o herói não lhe daria ouvidos; não era homem de coração-de-açúcar, compassivo de ânimo, mas tomado de fúria. Abraçava-lhe os joelhos, súplice. Mas Aquiles, no fígado, enterra-lhe a espada e o extirpa; sangue negro o peito inunda-lhe; a escurez eclipsou-lhe os olhos; morreu-lhe o ânimo (HOMERO, 2002. p.319).

Influenciados pela fatalidade dos valores cristãos de dois milênios, o homem ocidental pode ver esta cena como cruel, pois a compaixão é um valor cristão. Mas para os gregos arcaicos a compaixão é antípoda da força. Para Nietzsche, essa cena não poderia ser injusta, pois:

[...] *em si*, ofender, violentar, explorar, destruir não pode naturalmente ser algo "injusto", na medida em que *essencialmente*, isto é, em suas funções



básicas, a vida atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter (NIETZSCHE, 1998, p. 65).

Nestes termos, em relação a vida, a moral toma um caráter antinatural, enquanto a natureza está além do bem e do mal, a moral é uma invenção humana demasiada humana, que vai contra a natureza da vida, e do homem.

O homem moderno condicionado a uma moral que vai contra a natureza de seus próprios instintos, como consequência desta negação, segundo Nietzsche, surgirá a má consciência, o sentimento de culpa, e a vingança contra os fortes como única forma de reparação por parte do ressentido. No discurso do *Assim falou Zaratustra* intitulado *Das tarântulas*, Nietzsche usa a imagem da tarântula como signo da vingança do ressentimento:

Vingança trazes na alma: onde mordes, cresce uma crosta negra; com vingança teu veneno faz a alma girar! Então falo convosco por imagens, vós que fazeis rodar a alma, vós, pregadores da *igualdade*! Tarântulas sois para mim, e seres ocultamente vingativos! Mas porei à mostra vossos pontos ocultos: por isso vos rio no rosto minha risada das alturas (NIETZSCHE, 2011, p. 95).

A tarântula que morde e que prega a *igualdade*, ou seja, o homem do ressentimento, o vingativo, ele se vinga em relação a quem? Se vinga em relação ao senhor, em relação ao nobre, contra o forte, contra aquele que é diferente dos ressentidos, contra aquele que esquece e se alegra por não pertencer ao rebanho, por ser senhor de si mesmo e por se alegrar com sua própria diferença. Em síntese, o ressentido se vinga em relação a todos aqueles que expandem a sua potência e afirmam a sua natureza e seus instintos, através da criação.



No discurso das *Três metamorfoses do espírito* Nietzsche compara o nobre, ou seja, o criador de novos valores como uma criança, por possuir intacta a faculdade do esquecimento e não sentir culpa.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, sagrado dizer-sim. Sim para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua *vontade*, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo (NIETZSCHE, 2011, p. 29).

A vontade do homem nobre é livre para poder criar seus próprios valores, é um dizer sim a vida, um querer a mudança e o conflito, um desejar o devir. Esse dizer sim, presente e natural em toda criança, fisiologicamente saudável, mata todo ressentimento. A vontade que é, por essência criadora, anseia pela sua liberdade, faz de tudo para ser livre para poder conquistar o seu mundo.

A vontade do homem ressentido, no extremo oposto da vontade do homem nobre, constitui a causa da sua desventura. O ressentido, à exemplo da tarântula, possui apenas um desejo, apenas um querer o motiva: quer que todos sejam iguais no ressentimento, pois ela odeia a diferença. Não é através de sua vitalidade, e sim por meio de sua impotência e ódio que ela deseja morder e injetar o veneno da igualdade entre todos. Para o homem do ressentimento os fortes não podem exercer sua força e afirmar seus instintos, eles devem ser animais domésticos, mansos e culpados.

5. A INVERSÃO DOS VALORES

A rebelião escrava na moral, segundo Nietzsche, teve início com os judeus escravizados. Estes, detentores de um profundo ódio foram os primeiros a inverter a



equação da moral nobre: “bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses” pela moral dos escravos invertida: “bom = sofredor = pobre = indefeso = humilde”. É a essa mudança que Nietzsche chama de inversão dos valores, para o homem do ressentimento, ser bom é ser impotente.

A antiga forma nobre e guerreira de valorar, originárias dos vikings e dos gregos da época de Homero, onde os nobres se auto intitulavam “os bons” por suas próprias características tomadas como virtudes, a saber; saúde, coragem, força física, lealdade, e crueldade em relação aos inimigos, eram os valores aristocráticos compartilhados entre os nobres. Em contraparte, quem não era semelhante, eram os fracos, oprimidos, subjugados, infelizes e conseqüentemente os “maus”.

Os valores aristocráticos vistos pelo crivo do ressentimento foram transvalorados. As qualidades nobres foram reinterpretadas pelos sacerdotes e ganharam novas roupagens. A autoconfiança tornou-se arrogância, a força em prepotência, a coragem em crueldade, a prosperidade em vaidade, o cuidado de si mesmo em egoísmo. Em um plano astucioso dos sacerdotes judeus, pois a inteligência era uma de suas características e por isso possuíam uma grande influência nas comunidades que viviam, convenceram os nobres a adotar essa nova moral invertida, onde as virtudes tornam-se vícios e os vícios tornam-se virtudes.

Segundo Nietzsche, o cristianismo é o maior herdeiro dessa revolução escrava nos valores, e o sacerdote São Paulo institucionalizou essa moral ressentida por meio do cristianismo, desse modo, toda psicologia do cristianismo e também seu nascimento adveio do espírito do ressentimento.

Nietzsche utiliza a imagem da ovelha e da águia para ilustrar a moral do senhor e a do escravo, como numa fábula em que geralmente animais personificam humanos e nos desdobramentos da história na maioria das vezes visa um ensinamento moral: as ovelhas querem ensinar para as águias, por meio da moral,



que elas poderiam ser ovelhas se assim elas quisessem. Como se a águia pudesse escolher não exercer sua natureza de animal rapinante, de predadoras e caçadoras de tenras e suculentas ovelhas. Desta forma, a pretensa inversão dos valores ocorre quando o rebanho transfigura a fraqueza em virtude. Toda inversão de valores envolve um discurso afirmativo daquele que, naturalmente, não é forte. As ovelhas precisam afirmar: nós, as ovelhas, somos os bons, os justos e humildes; e, também: vocês águias nobres, são cruéis, egoístas, predadoras, ou seja, vocês são os maus:

A esta inversão, a saber, "os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!..." (NIETZSCHE, 1998, p. 26).

A moral do ressentido deseja que a força não se manifeste como força. Esta ideia, para Nietzsche, é tão absurda quanto é absurdo exigir da fraqueza que ela se manifeste como força. A moral judaico-cristã é o grande dragão no qual a vingança, o ódio, o ressentimento contra os nobres se fortaleceu e atingiu a vitória há mais de dois mil anos. A maior idiosincrasia que ocorreu sobre a terra, a vitória dos fracos sobre os fortes. Através da moral judaico-cristã o rebanho e a plebe venceram os nobres.

Essa moral invertida ensina que só os impotentes possuem uma vida melhor, como também serão recompensados após a morte. A morte ganhou aspectos metafísicos segundo Nietzsche, com São Paulo, com o intuito de aumentar seu poder em relação ao rebanho. O livre-arbítrio, outra invenção do sacerdote, que por meio deste mecanismo, poderia julgar e castigar os nobres livres por seus atos, e introduzir em sua consciência a ideia do pecado, a ideia da transgressão. Como também, o



livre-arbítrio foi criado para dar crédito moral, a fraqueza dos ressentidos, como se fosse escolha do fraco ser submisso, e por isso poderiam ser merecedores de recompensas em escolher o “bem” em detrimento do “mal”.

Em relação a essas expressões polêmicas como – plebeu e escravo – é preciso entender que o nobre para Nietzsche não é uma classe social, um homem rico. Nobre é aquele que não é ressentido, que é psicologicamente superior, aquele que é afirmador do acaso, que é capaz de afirmar a multiplicidade de forças próprias e ampliadoras da vida, que possui uma superioridade psicológica e não social ou racial. Nobre, como antípoda do ressentido, é o sujeito que deseja o eterno retorno dessas forças com alegria e sem ressentimento.

Desta maneira, o escravo e o plebeu para Nietzsche é o oposto do nobre afirmador, o sacerdote, o mestre do ressentimento, o criador de uma moral, o promulgador de regras para impedir o que é natural no homem.

O plebeu é todo aquele que impede que o homem se torne aquilo que ele é. Plebeu é todo aquele que não reconhece na criação, uma vontade de potência que revela o homem como ser capaz de ir além dele mesmo. O homem não como finalidade, mas como ponte para o além do homem.

6. CONCLUSÃO

Mas como podemos pensar o homem moderno, em suas várias ocupações diárias, onde ele pode encontrar tempo para si mesmo, para exteriorizar seus instintos ativos, em uma sociedade e uma moral que reprimi justamente esses instintos? Talvez a resposta esteja com os gregos, que por meio da sublimação conseguiram canalizar esses instintos, em criação, e gozaram da mais livre espiritualidade jamais vista. Mas como o homem moderno distraído de si mesmo, em



meio as relações superficiais, de estímulo e resposta, promulgados pelas redes sociais, e pelo consumismo desenfreado, pode ter tempo para afirmar sua singularidade, e destilar seus instintos em uma criação? Talvez a resposta seja que esses homens obstruídos sempre existiram para compor o rebanho.

Nietzsche propõe a substituição da moral vigente, pela moral do super-homem, ou seja, a moral do homem livre dos vermes do ressentimento e da má consciência, onde a vontade de potência, ou seja, a vontade de expandir e afirmar a vida, é sua única virtude.

Mesmo em uma sociedade ressentida, podemos encontrar uma liberdade genuína de espírito vivenciada em sua inteireza. Podemos encontrar essa característica genuína, nas potências do pensamento humano; nas artes, na literatura, na filosofia e em outros âmbitos. Ao ser afetado pela pintura de Van Gogh, pela 9ª sinfonia de Beethoven, pela literatura de Cervantes ou Shakespeare, podemos intuir o que é o super-homem proposto por Nietzsche. No seu livro *Aurora*, na seção (240), Nietzsche exaltar a peça *Macbeth* de Shakespeare, por não possuir julgamentos de ordem moral. E os comentadores da obra de Shakespeareana, afirmam não existir tais julgamentos em toda sua obra.

REFERÊNCIAS

BRUSOTTI, M. Ressentimento e vontade de nada. **Cadernos Nietzsche**, v. 8, 2000, p. 3-34.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Rio, 1976.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Nietzsche: esquecimento como atividade. **Cadernos Nietzsche**, v. 7, 1999, p. 27-40.

HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Benvirá, 2002. (v. II).



NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [Edição original: 1883-85].

_____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [Edição original: 1887].

_____. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [Edição original: 1889].

PASCHOAL, Antonio Edmilson; FREZZATTI JR., Wilson Antonio. (ORGS.). **120 anos de para a genealogia da moral**. Ijuí: Unijuí, 2008.

WOTLING, Patrick. **Vocabulário de Friedrich Nietzsche**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



José Carlos S. Rocha Costa

<http://lattes.cnpq.br/8168093696449788>

